

# O HERALDO

Editor,  
JOSE MARIA DOS SANTOS

ANTIGO "JORNAL DE ANNUNCIOS"

Composição e Impressão,  
TYPOGRAPHIA BUROCRATICA

## ENSINO COLONIAL AGRICOLA

Uma das coisas que mais irresistivelmente se impõe aos que estudam o problema colonial, é a necessidade do estabelecimento do ensino colonial agrícola, que entre nós ainda não existe. Caracterizam-se lá fóra as iniciativas colonias pela atenção que dedicam ao futuro agrícola dos dominios ultramarinos; entre nós não ha quem cuide de tal assumpto e por isso nada se tem feito n'esse sentido.

Para quasi todas as potencias colonias passou já, ha muito tempo, a phase politica de conquista e occupação, que assignalou a expansão colonial dos ultimos seculos. Modernamente, as atenções convergem de preferencia para as obras de caracter pratico e por toda a parte se orientam no sentido de extrahir das colonias a riqueza que ellas pódem dar.

Em toda a Africa do Sul, por exemplo, nos ultimos annos, a actividade mineira chegou ao seu auge. Não póde a exploração mineira, nas nossas colonias, ser elevada á categoria de industria principal; necessario seria que a riqueza diamantifera e aurifera do sólo correspondesse á das colonias inglezas do sul africano.

Mas podemos e devemos tentar, por toda a parte, a exploração agricola, a unica, em nossa opinião, que póde constituir uma grande fonte de riqueza. E' o que estão fazendo todas as nações, com indiscutivel exito, que a nós nos devia servir de estimulo para analogo empreendimento.

Porém, para explorar scientificamente a nossa riqueza agricola ultramarina, necessaria se torna a selecção do pessoal, dotando a com uma educação profissional pratica, que actualmente não possui. Essa educação só a pódem ministrar estabelecimentos de ensino especial de agricultura colonial, moldados á similhaça dos que existem no estrangeiro.

E' nas escolas agricolas colonias que a Hollanda forma esses intelligentes lavradores de Java, que fizeram d'aquella ilha uma joia maravilhosa engastada no Oceano Indico. A ilha de Java, sob o ponto de vista agricola, não tem hoje rival em todo o mundo; a sua fama é tão grande, que as outras nações mandam ali delegados seus estudar a agricultura da ilha, afim de applicar o systema ás suas colonias.

Em Inglaterra, o ensino de agricultura colonial é professado na metropole no grande instituto de Cooper's-Hill, e nas colonias em escolas especiaes, tendo annexos campos experimentaes botânico-horticolas. A França e a Alemanha galhardamente acompanham esta orientação, tendo a França já espalhadas pelas suas colonias 32 escolas de ensino agricola.

Não será já tempo de seguir este exemplo e de fazer alguma coisa em favor da educação agricola das colonias? Creou-se, ha pouco tempo, uma direcção geral dos serviços agricolas do ultramar; em Angola existe já, desde 1902, uma direcção de agricultura, e tem-se nomeado alguns agronomos em comissão para estudar as culturas das nossas possessões.

Conviria agora, depois d'este primeiro impulso dado á agricultura colonial, estabelecer o ensino agricola, quer na metropole, quer no ultramar. Aproveitar-se-iam as escolas já existentes e crear-se-iam

outras, correspondendo aos fins desejados.

Na metropole, nenhum estabelecimento, a bem dizer, seria preciso crear. Bastaria que se augmentasse, aos estabelecimentos de ensino agricola, superior, secundario e elemental, já existentes, uma cadeira de agricultura colonial. Nas capitães das provincias de Angola, Moçambique e India crear-se-iam estabelecimentos de ensino agricola colonial secundario e nas capitães dos districtos, escolas elementares de agricultura, ficando todos estes institutos a cargo das colonias.

Assim teriamos estabelecido, sem grandes despesas, uma instituição necessaria, completada mais pela organisação de campos experimentaes junto ás escolas ultramarinas, pela criação de um museu colonial, etc. E' um plano vasto e seductor, que ousamos propôr á atenção dos competentes na materia.

Se, depois de alguns annos de ensino, conseguissemos que o indigena cultivasse scientificamente as plantas alimentares, medicinaes e industriaes, ensaiasse as culturas economicas, soubesse fazer uso das sementes e plantas, e extrahise da terra tudo quanto ella póde dar, o valor da nossa agricultura colonial, já hoje importante, decuplicaria. Precisamos de formar pessoal na metropole para dirigir esses serviços e precisamos que esse pessoal forme depois, nas colonias, os indigenas para a exploração racional e scientifica do sólo.—G. S.

(Da Vinha de Torres Vedras).

## Dr. José Teixeira d'Azevedo

Chegou terça feira a esta cidade o sr. dr. José Teixeira d'Azevedo, deputado ás côrtes pelo Algarve. A visita d'este nosso presado amigo prende-se com um importante melhoramento d'esta cidade e que julgamos poder noticiar premenorisadamente no nosso proximo numero.

O dr. José Teixeira d'Azevedo deve retirar-se para a capital em meados de dezembro proximo.

### UM CASAMENTO PRINCIPESCO

Um projecto de casamento principesco entretém no actual momento todas as conversas da alta sociedade que se encontra em villegiatura na excellente praia de Biarritz. O principe herdeiro do Sião, que passou a estação estival n'essa localidade, residindo no hotel Victoria, perdeu-se de amores por uma joven e encantadora princeza, a filha do duque Constantino de Oldenburgo, irmã da princeza Yourievski.

Ora afirma se que, antes da sua partida e certo de ser correspondido por aquella dama, o principe pediu a mão da sua apaixonada. Este projecto de matrimonio, que talvez já preocupe as chancellarias, tentaria muito a Russia, em razão das presentes circunstancias e da tensão de relações entre os moscovitas e os povos da raça amarella.

O czar muito estimaria oppôr ao Mikado a amizade do reino de Sião. Mas assegura se que a propria côrte de Bangkok é que hesita perante a ideia de tal união!

A guerra russo-japoneza, que já produziu tantas coisas imprevistas, será por acaso um obstaculo á felicidade d'esses dois principes que se amam e que, portanto, devem ser indifferentissimos ás conveniencias diplomaticas?

## Entre um berço e um tumulo

(AO POETA MARCOS ALGARVE)

Meu caro senhor:

Acabo de ler o seu livrinho e não cuide pela epigraphe destas mal alinhavadas linhas que me proponho a fazer uma critica ao seu trabalho.

Fallecia me para tanto a competencia e que ella me não faltasse o mesmo seria visto tratar-se dum livro que não é para o publico, não sendo portanto justo que um extranho vá desvendar o que o autor quiz occultar.

Posto isto, passo a dizer-lhe plena e cabalmente que não concordo nem posso concordar com a doutrina que o meu amigo, aliás brilhantemente expende sobre a Morte.

Olhe que não pretendo encarar a questão religiosa; no estudo das diversas religiões e theogonias mais ou menos complicadas existem quasi sempre encantadores mythos philosophicos, mas como não foram feitos para o nosso tempo, acontece que só podemos encaral-os pelo lado emygmatico e com a mesma curiosidade que mostraria um egyptológico deciffrando hieroglifos.

Diz o meu amigo «O mundo vaço e ductil proveio de nebreloses, a humanidade doentia e selvagem formou-se de nevroses e o resto a morte inevitavel e sombria é um conjunto de aberrações.

Não contesto as primeiras proposições do seu periodo; quanto ás segundas, discordo por completo e comigo a Tradição é a Chímica e Physica-entidades muito para respeitar, isto para lhe não citar a Fé e a Esperança as duas sublimes virtudes theologaes.

Não vá rir-se daquella trindade hybrida que para aqui eu arranjo *ad-hoc*. Eu vou tentar explicar-lhe a minha idéa.

Sabe porque penso que o resto — a morte inevitavel e sombria, não seja um conjunto de aberrações?

Porque começo por não admitil-a de facto e recordando-me duma das leis da Physica fico habilitado a desmentir todos os epitaphios desses cemiterios na parte concernente ao mentiroso *aqui jaz* e ao refalsado *eterno descanso*.

Depois vem a Chímica com as suas acções e reacções, vem a razão de ser do apodrecimento vem a applicação das suas causas e effectos... nada! Decedidamente não convengo.

Para mim, morrer não será o ser iniciado das sciencias occultas mas é certamente — transitar, seguir — ou antes proseguir sob as leis da evolução e do transformismo.

Irá talvez julgar-me budhista e pensar-me esperançoso d'algum proximo Nirvana? Dirá consigo que creio um pouco na metempsicose dos egypcios... nas runcarnações ou avataris da India?

Não senhor! Vou mais longe e se em absoluto não concordo com as suas doutrinas, não deixa contudo o seu livro de agradar-me muito, já pelo sentimento que o dictou já pela forma nova e arrojada como são defendidas certas proposições.

Depreendi do seu trabalho que foi escripto sob um impulso de revolta, destes que nos dilaceram a alma e nos fazem odiar a hora em que nascemos e o ventre onde nos geraram mas dahi a considerar a morte inevitavel e sombria como um conjunto de aberrações vae quanto a mim um abysmo, um exagero imenso.

E olhe que não sou dos que acre-

ditam nas transmigações das almas, porque almas e sombras só as admitto com motivos decorativos e exóticos para fantasias lugubres.

E por não considerar a Morte com um fim é que não posso admitil-a como um conjunto de aberrações.

De resto nada mais logico do que a Morte. E' um organismo que succumbe, são atomos que se dispersam, são moléculas que vão em procura de melhor destino, d'ahi, e por tudo isto representar um regresso, talvez brutal, não discuto, á materia, uma libertação de forças que por determinado tempo estiveram concretisadas num ser, não posso chamar sombria á Morte visto que representa o mais sublime de todos os ideaes: — a Libertdade!

E depois, considerada a Morte como inevitavel, o que equivale a disela, natural, tambem me parece que se lhe não deve chamar conjunto de aberrações visto ella ser simplesmente um phenomeno normal.

Será talvez o defeito da palavra morte que não exprime o que devia exprimir? Talvez.

Este vocabulo archaico é que apesar de variedissimas complicações linguisticas tem permanecido irreductivel quando de ha muito devia ter sido posto de parte por não significar o que pretende exprimir.

Inventem os philologos um termo que synthetise a mudança, a evolução, a transição, o regresso á materia e concordaremos.

Passando depois a outra ordem de ideias o meu caro poeta mostra se fatalista e opina que a cada um de nós preside um fado que nos obriga tacitamente a proceder segundo a sua soberana vontade.

E' este realmente um problema complexissimo e quasi me falta a coragem para tratal-o, não só pela minha incompetencia mas tambem porque vejo que o meu amigo, mais adeante nega a existencia de Deus.

Bem vê que negar Deus e admittir a existencia d'uma força chamada Fado — não é quanto a mim resolver o problema é apenas modificar o nome da causa, conservando-lhe até o mesmo numero de letras.

Não vá agora suppor-me para ali algum rato de sachristia desses que batem no peito e que passam um terço da vida estafando orações que não comprehendem. Quanto muito respeito as ideas dos outros para exigir que os meus sejam tambem respeitados.

Não senhor. Mas tambem não quer isto dizer que não tenha a convicção intima de que o Christianismo é de todas as religiões a mais philosophica e mais humana. Tire-lhe os mythos do ceo e do inferno com todas as suas ideas accessorias e veja que horisontes vastissimos, que extraordinarios primores de concepção se não desenrolam á nossa vista deslumbrada!

Veja que sublimidade nas expressões de Paulo de Tarso, veja como elle explicava numa intuição prodigiosa o principio de todas as coisas attribuindo-o ao *ignotus Deo* grandiosa phrase que hoje como ha dois mil annos era ainda a ultima palavra sobre o assumpto!

De resto e terminando, creia que não deixo de louval-o muito pelo thema escolhido lamentando sinceramente a afflicção profunda que lh'o dictou. Nada de mais louvavel e consolador do que escrever sobre o impulso d'uma impressão forte. Procedessem todos como V.

Ex.º e não haveria na nossa litteratura tanta obra de fancaria.

Perdoe-me este longo arrazoado e permita-me que lhe diga que me parece mais logico considerarmos a Morte como uma continuação da Vida visto que o problema se nos apresenta tão complexo e tão extranhamente que nem podemos quanto a mim distinguir a Vida da Morte visto que ambos estes estados tão intimamente se confundem que me parece impossivel determinar quando termina um e principia o outro.

E o melhor é concordarmos com o grande Camillo que numa curta phrase sonbe encerrar um systema verdadeiramente philosophico — disse elle.

Não ha vida nem morte ha formas e .. formulas...

Faro, 21/11/904.

LYSTER FRANCO.

**O HERALDO é o jornal algarvio mais barato e de maior circulação.**

### O YACHT MYSTERIOSO

Os jornaes hespanhoes teem-se referido a um extranho incidente que muito commentado foi em Bilbao. Ha dias, chegou a este porto um grande *yacht*, maravilhosamente preparado para caminhar com enorme velocidade e hasteando no mastro grande a bandeira do Uruguay. A curiosidade de toda a gente incidiu sobre este inigmatico navio, cujas caldeiras estavam noite e dia sob pressão e cuja equipagem, composta de marinheiros das mais diversas nacionalidades, ignora absolutamente o destino do *yacht*. Os jornaes madrilenos pozeram em campo os seus mais habeis reporters; mas o capitão do barco, que falla correntemente seis linguas e que não revela a sua origem, respondeu-lhes, com uma desorientadora fleugma, que o seu *yacht*, fóra preparado para recolher a bordo no alto mar quaesquer doentes que se encontrassem a bordo de outros navios. Ora esta affirmção é desmentida pela propria estrutura do navio, pois este foi construido por forma a poder empregar velocidades enormes e a affrontar os mares mais rigorosos.

Claro é que correm os mais descontraídos boatos a tal respeito, sabendo se que uma firma londrina, universalmente conhecida, ordenou aos seus correspondentes do mundo inteiro que fornecessem carvão ao *yacht*. E até se assegura que o verdadeiro capitão a bordo seria uma encantadora e linda franceza! Tambem uns declaram que o *yacht* pertence ao serviço de espionagem japoneza, outros garantem que é russo. Uma trapalhada!

### CASAS DE DETENÇÃO

#### E CORRECÇÃO

A *Bibliotheca Popular de Legislação*, com séde na rua de S. Mamede, 107, ao largo do Caldas, acaba de editar os Regulamentos das Casas de Detenção e Correcção de—Lisboa, Porto, e de Villa Fernando, seguidos de diversa legislação judicial, e fiscal, sendo o seu custo 200 r is.

Tem já no prelo segunda edição do Regulamento da Contribuição Industrial (16 de julho de 1896). Como d'esta edição se não faz expedição avulsamente, acceitam se deide já pedidos; o seu preço, franco de porte, é de 250 réis.

ADEUS, CASAMENTO!



A mulher d'hoje — Perigos e terrores — Não ha quem dê uma solução? — Accusações das mulheres

A sociedade feminina ingleza está sobressaltada por um eloquente libello publicado nas graves, solemnes paginas do *Times*. por um procurador geral do sexo forte, tanto casado como solteiro. Já alguns impertinentes censores estrangeiros tinham, por vezes, ousado exprimir juizos pouco lisonjeiros sobre as qualidades domesticas da mulher britannica; hoje, que as reprovações ou advertencias partem da mais alta e respeitada tribuna da opinião publica, o chronista pôde discorrer á vontade. Segundo essa accusação, a mulher ingleza está, inconscientemente, preparando uma revolução na moral, que reverterá em seu prejuizo, tornando-se desastrosa para a nação.

O assumpto refere se á mulher ingleza, em geral; mas, ao contrario do que se podia suppôr á primeira vista, não visa a mulher das classes elevadas. As grandes damas que embellezam os palacios aristocraticos, podem, é verdade, ser frivolas, mas a sua frivolidade é absolutamente inocua. De todos os modos, são as rainhas da elegancia e do bom gosto, e merecem ainda o pincel de Reynolds e de Gainsborough. Pelo menos, emquanto o mundo não fór pela agua abaixo, são ellas que hão de exercer uma função social, decorativa, é verdade, mas que não deixará de ter a sua importancia. Além de que, encontram-se em condições tão privilegiadas, que o dente dos moralistas censores não se crava facilmente n'ellas. Os seus mais extraordinarios caprichos, não constituem uma ameaça para a continuação da familia. Não deixará de haver nem um casamento nem um baptisado a menos na categoria dos «dez mil», dos *upper ten thousands*, ainda mesmo que a gmente o trabalho das modistas e os empresarios dos theatros tenham lucros colossaes.

As mulheres que attrahiram sobre si os raios dos moralistas pertencem á burguezia, grande e pequena, que constitue a maioria e a força da nação. Se o numero de tias, que conservam resignadamente o seu nome virginal no amargor da solidão, cresce dia a dia, não é porque o facto seja devido á extranha proporção do elemento feminino sobre o masculino. Se, acabada toda a quantidade disponível dos homens novos e de meia idade, aptos para o casamento, muitas raparigas ficarem desocupa-das, seria para lastimar aquellas que não tivessem com quem casar; a culpa seria toda do maldito destino, que não soubera distribuir

os seres de ambos os sexos igualmente nas familias inglezas. O homem britannico — o burguez das grandes cidades, que vive dos rendimentos, do commercio e do emprego publico, e que constitue um bom partido — está a fugir do casamento.

Não quer isso dizer que os rapazes da pudica Albion sejam todos emulos e imitadores do seu collega que, na vespera de se tornar genro do Lord Mayor, se poz ao fresco, sem dizer agua vae. A triste aventura occulta provavelmente um drama de psychologia, a que se não pode dar um valor symbolico. É sabido que na Inglaterra o periodo do namoro leva annos e não mezes. Na maior parte dos casos é o namorado que o faz prolongar, para alcançar uma posição, melhorar os vencimentos, etc. Essas dilacões podem attribuir-se á frieza do character inglez; mas, em todo o caso, essas demoras não servem, de modo algum, a inflamar os corações. A tendencia á ruptura dos compromissos foi a primeira manifestação da decadencia masculina, que ora se apresenta pela decadencia do proprio *firt*.

Tem-se querido procurar as razões de tão desapiadado procedimento dos homens, julgando os censores tel-as encontrado especialmente no facto de que o casamento se torna um fardo peza lissimo. O caminho da felicidade conjugal já não é um caminho sem accidentes em que os nobres animaes tenham pelo menos, a probabilidade de serem os ultimos a chegar; é um *handicap* em que todos os concorrentes estão opprimidos por um peso maior ou menor para terem igual probabilidade de cahir, extenuados, no meio do caminho.

O peso mais doce, mas talvez o mais perigoso é... a mulher. As exigencias das mulheres inglezas multiplicaram-se em proporções alarmantes. Querem vestidos luxuosos, alimentação variada e fina, e frequentes divertimentos; isto é, querem mais que as suas collegas dos outros paizes, fascinar as visinhas com apparencias, querem que todas as julguem menos dobles ou mais ricas.

A vaidade arruina o orçamento domestico, mas os prejuizos talvez não fossem irreparaveis se, pelo menos, o marido podesse dedicar-se inteiramente ao seu trabalho e ter o seu momento de descanso para recuperar a sua energia. Mas a vaidade feminina não fica satisfeita se não mostrar tambem o honesto marido, constrangido a dissimular as suas preocupações e a perder o seu precioso tempo em visitas, festas e theatros. Isso não só diz respeito á alta burguezia, que se obstina em querer imitar os habitos mundanos da alta aristocracia, mas tambem ás classes inferiores, cujos maridos são obrigados a produzir um excesso

de trabalho para satisfazer ás exigencias da vaidade da sua cara metade. Depois, ha outros inconvenientes que contribuem para afugentar do matrimonio os modestos empregados e tambem os proprios operarios; e que os homens casados encontram maiores obstaculos na procura de empregos do que os solteiros. Em muitas casas de commercio só se aceitam empregos que sejam celibatarios, e, muitas vezes, os operarios que tem uma familia numerosa não conseguem nem mesmo uma habitação.

Como se vê, o quadro é bastante carregado, e não foi sem motivo que o *Times* soltou o grito de alarme, declarando que a Inglaterra vae em caminho de bancarrota do casamento e que o crescente *handicap* conjugal constitue um verdadeiro perigo para a ordem das coisas existentes em todas as espheras da vida social, politica e religiosa.

As crescentes difficuldades do casamento constituem uma ameaça para todo o machinismo do Estado. A perpetuação da raça tornar-se-ha assim problematica e então, com grave escandalo do mundo, a Inglaterra, para fugir do suicidio, talvez se veja na necessidade de provocar uma revolução, reformando o seu codigo de moral.

É natural que estas accusações contra a mulher produzissem uma revolução no vespeiro. O jornaes tiveram uma inundação de cartas de protesto. Todas as gentis leitoras, que sabem manejar a penna, quebraram-n'a em defesa do proprio sexo, capitaneadas por uma escriptora, romancista e moralista de grande talento, conhecida pelo nome de John Oliver Oobes e cujo nome verdadeiro é M. Cragie. Como? As meninas inglezas definham á espera d'um marido e a sua solidão deve ser attribuida ás suas tendencias esbanjadoras? Mas, se se fizesse um plebiscito, não haveria uma que não declarasse que estava prompta para fazer a cozinha e remendar as meias, como as excellentes donas de casa allemãs, se os rapazes lhes declarassem que queriam sahir do casulo do celibatario.

As leitoras protestantes oppõem-se ao acto.

O libello acima referido argumentou, accusando os homens de egoistas e gastadores, que fumam charutos caros, jogam e bebem e que preferem conservar-se solteiros para não terem maçadas.

Não é provavel que a polemica possa dar resultados positivos. É mais facil infundir a fé n'um atheu do que a vocação conjugal n'um inveterado solteiro. De resto, as mulheres inglezas encontraram um argumento *ad hominem* para demonstrar que, se a raça corre o perigo de se extinguir a culpa não é d'ellas. Além de que, o anno passado mais de vinte e cinco mil viuvos passaram a segundas nu-

pcias. Estes que correram no *handicap* do casamento e que tornaram a matrimoniar-se, dão prova de que o casamento não é tão opprimente como querem fazer acreditar.

Faro... sem bióco

Não obstante se ter clarificado um tanto o ceu politico que em nuvens pesadas e de grande negrume andava enrajado, por esta capital destes reinos os dias não vão decorrendo sem incidentes, qual d'elles o mais comico, o mais imprevisito e muito para ponderar.

A prevista e quiçá tormentosa trovoadá annunciada antes da pe-leja, rebentou por Santa Barbãra, o que mais para admirar é, visto que essa freguezia, pelo seu nome pelo menos, devia estar a coberto do fusilar iracundo tanto dos jogadores de péla lá das mansões celestes, como dos jogadores eleicoeiros destas peccadoras paragens.

A cidade tem andado buliçosa, espicaçada por uma curiosidade de matrona visinha, ou a politica não fosse tambem matrona a quem, sobre todas as demais da grey, cabe o direito de officiar de pontifical.

A eleição passou. A seguir o aphorismo francez devia passar e esquecer. Mas tal não tem succedido e oráculos prevêem que tão cedo esquecerá. *Quia?* Que o digam os sabichões.

Nas assembleias da cidade o acto foi licito e ordeiro, o que foi louvado e ainda é, por gregos e troyanos; nas freguezias ruaes é que foi Troya! Não darei volta á assadeira.

Deixará acarvoar as saborosas castanhitas. Mas deixando as ao lume e, tomando do capachinho d'abanar, sempre vou dizendo com os meus botões: onde o decantado poderio dos sebastianistas? onde o apregoado caliço e a rija pedreneira para fazer erguer as paredes nuestras da synagoga?

?! Ah! mundo d'illusões, de desesperos. Tudo se vae n'uma hora, tudo se estraga n'um segundo.

Tirante isso é ainda como resultante dos já longiquos trovões, pouco mais ha. O sr. governador civil está retido em Lisboa, por doente, e portanto a sua machina não trabalha. Restabelecido por completo, o que desejamos, o chefe superior do districto e uma vez regressado a penates é para prever que voltem a animar se os conventiculos, as tendas tisanneiras, os clubs e as succursaes de instrumentos musicaes.

Neste compasso d'espera apenas ouvi dizer: os calabouços tem inquilinos, a Pontinha do Peixoto passá um pouco melhor de sua importante saude, os guardas civis já usam benzina nos fardamentos, não provaram ainda o noviço vi-

nhito, já se veem emfim. A respeito do serviço politico não ha duas opiniões: hintzaceos, progressistas, sebastianistas, demócratas, progressistas em seus tugorios e só nelles, etc. etc. todos são concordes em que *aquillo* precisava e precisa olhos mesericordiosos, desinfección, injeccões intramusculares.

Temos portanto alguém em acção, nesta terra de gente immovel: é o administrador do concelho com a policia a seu cargo e na sua carruagem de meia cobertura. Não o conheço mas reconheço os beneficios que em curto praso, já tem prestado á cidade, ao cidadão que paga e se esforça por viver n'um certo civilizado, numa capital de districto e que, sabidas as contas, a bem pesquisar, resulta ter vivido em sertanejo logar, tão á mátroca tem andado tudo que respeita á segurança, ao socego. Não deixarei de o louvar se o merecer, não me furtarei a censural-o se exhorbitar ou se cançar a breve trecho.

Tornar sã a cidade é indispensavel, é urgico. Não é de hoje, é de hontem é dos tempos idos e torna se mister que de futuro se tenha de clamar por essa emulsão de Scott.

Até á semana.

D. Gaudencio da Matta.

INFANTERIA é

Foi promovido a alferes da administração militar e collocado n'este regimento o nosso amigo sr. Desiderio Venancio Peres.

Não extranhamos a noticia d'este justo despacho, visto que desde ha muito o esperavamos.

MERCADO DE GENEROS

DIA 20 DE NOVEMBRO

Trigo broeiro . . .	740	14	litros
Trigo rijo . . .	760	»	»
Milho de regadio . . .	700	»	»
Milho de sequeiro . . .	680	»	»
Arroz . . . . .	17800	15	kilos
Cevada . . . . .	480	14	litros
Feijão raiado . . .	17400	»	»
» branco . . .	17500	»	»
Chicharo . . . . .	600	»	»
Grão . . . . .	17400	»	»
Favas . . . . .	700	18	»

LIVROS DUPLICADOS

A bibliotheca municipal *João de Deus* instituida em Faro, possui diversas obras, em duplicado, que troca por quaesquer livros que não tenha. As pessoas que estiverem n'este caso poderão enviar uma relação dos livros de que desejem desfazer-se ao bibliothecario interino recebendo em troca a relação dos duplicados da bibliotheca para escolherem os de que careçam. O escambo é feito com auctorisação da edilidade.

**Vende-se** uma estante com balcão em bom estado para estabelecimento. Trata-se com José dos Santos Luz.—Tavira. (169)

FOLHETIM

A CASACA DE PALMAS VERDES

Essa manhã era uma verdadeira manhã de festa para o esculptor Guillardin. Tendo sido nomeado, na vespera, membro do Instituto, ia estreiar perante cinco academias, reunidas em sessão solemne, a sua farda de academico, uma bella casaca de palmas verdes, novinha em folha, com bordados côr de esperanza. A mara vilhosa casaca, prompta a servir, estava collocada nas costas d'uma cadeira de braços e deante d'ella, Guillardin mirava-a envaidecido, acabando de dar o nó da sua gravata branca.

—Nada de pressas!... —pensava elle.—Tenho muito tempo... Mas o caso é que se encontrara vestido duas horas mais cedo do que é preciso, e a formosa M.<sup>me</sup> Guillardin — que levava sempre muito tempo a fazer a sua *toilette* — dissera-lhe que, especialmente n'esse dia não estaria prompta se não á hora marcada, nem um minuto antes! Que havia, pois, de

fazer o infeliz Guillardin para matar o tempo até lá?

—Vejam-se a casaca me fica bem—disse elle com os seus botões.—E, cuidadosamente como se pegasse n'um objecto de finas rendas, tirou a preciosa reliquia das costas da cadeira, e vestindo a com mil precauções, foi pôr-se deante do espelho. Oh! que graciosa figura o crystal reproduziu! Que bello typo de academico de fresca data, gordo, feliz, risonho, já meio grisalho, com o ventre saliente e os braços muito curtos, inteireçados dentro das mangas novas da casaca! Evidentemente satisfeito com a sua pessoa, Guillardin não sahia de deante do espelho, imitando a sua entrada no Instituto, cumprimentando os collegas, sorrindo para elles, tomando poses academicas! Todavia ninguem pode passar assim duas horas, de frente d'um espelho. Foi o mesmo que aconteceu ao nosso academico; o homem fatigou-se, e com medo de amarrotar a casaca, resolveu despil a e collocar a de novo nas costas da cadeira. Em seguida sentou-se de frente d'ella do outro lado do fogão; e, estendendo as pernas, com as mãos em

cruz sob o collete de gala, deixou divagar deliciosamente o pensamento, volvendo a miudo os olhos para a sua bella casaca de palmas verdes.

Como o viajante que chega, emfim, ao termo da sua viagem, gosta de se lembrar dos perigos e das difficuldades da jornada, assim Guillardin ia fazendo passar no espirito todas as peripecias da sua vida, anno por anno, desde o dia em que começara a esculptura no *atelier* Jouffroy. Ah! como fôra rude o principio da sua carreira! E lembrava-se dos invernos frios como gelo, das noites de insomnia, das caminhadas que dera para encontrar que fazer, e das co eras que experimentara, sentindo-se muito pequeno, perdido, descomhecido no meio de uma multidão marulhante, que tudo atropella, que tudo derruba, que tudo esmaga! E pensar que a elle só, sem protectores, sem fortuna, deve a salvar-se de tudo isso. O talento, unicamente o talento o ajudara! Em com o queixo poisado no peito, os olhos meio cerrados, Guillardin repetia muito alto a si mesmo: —Tudo devo ao meu talento! Só ao meu talento!

Só ao meu talento!

Foi então que uma prolongada gargalhada secca e entrecortada, como o rir d'um velho, o interrompeu subitamente. Guillardin, um pouco atrapalhado, olhou á volta de si pelo quarto. Estava só, completamente só, em *lito á lito* com a sua casaca de palmas verdes, essa sombra de academico, solememente desdobrada deante d'elle, do outro lado do fogão! E todavia o rir insolente continuava sempre. Então, examinando com mais cautella, o esculptor reparou que a sua casaca de palmas verdes não estava no logar em que elle a tinha posto, mas realmente sentada, com as abas levantadas, as mangas apoiadas nos braços da cadeira e o peito volumoso, com toda a apparencia de vida. Coisa inacreditavel! era a casaca que se estava a rir. Sim, sim! era essa singular casaca de palmas verdes que soltava as gargalhadas que o agitavam, que o sacudiam; e parecia-lhe que as abas da farda se mechiam e que as duas mangas cahiam para os lados, extenuadas, ao terminar essas gargalhadas terriveis. Ao mesmo tempo, uma pequenina voz maliciosa dizia: —Jesus! que eu arrebento!

—Que diabo vem a ser isso? perguntou o pobre academico abrindo os olhos.

A mesma voz respondeu, ainda com accento mais malicioso.

—Sou eu, senhor Guillardin, sou eu, a sua casaca de palmas verdes que o espera para ir á sessão solemne! Peço perdão de ter interrompido tão intempestivamente as suas divagações; mas é realmente exquisito ouvir o fallar do seu talento! E tanto que não pude conter-me... Ora vamos: metta a mão na sua consciencia, e veja se o seu talento foi o suficiente para elevar o meu amigo tão depressa e para lhe dar tudo o que tem: honra, posição, fama e fortuna... Então o senhor julga isso possivel, amigo Guillardin? pense um bocado, antes de me responder. Pense mais, mais ainda! E responda-me agora. Bem vê que não se atreve a isso.

—Comtudo — gaguejou Guillardin, eu tenho... tenho trabalhado muito.

—Sim, muito, muitissimo. O amigo é um cavador, um operario, um grande trabalhador. O amigo conta os dias á hora, como os cocheiros dos trens de praça. Mas a

**CRONICA AGRICOLA**

**Questão das carnes verdes em Lisboa**

Tenho aqui sobre a minha banca de trabalho o último número do *Portugal Agrícola*, recebido antes de hontem, 19. do corrente, e n'ele uma crónica de Paula Nogueira dá-me a dolorosa noticia de toda a sorte de embaraços e ardis de que o arrematante das carnes verdes em Lisboa está usando para falsear a letra do respectivo contracto.

Eu tinha previsto aquilo, tudo o que está ocorrendo. A longa prática de serviço no matadouro municipal de Faro, durante 12 anos, dava-me a necessaria experiencia para ver que o resultado não podia ser outro.

E' verdade que não podem ser comparados as condições de um matadouro de capital de provincia com as do matadouro da capital do paiz. Porém, apenas, as proporções é que são variáveis, porque no fundo a questão fica a mesma, os mesmos interesses em jogo, a mesma ganancia de um lado e de outro, o mesmo empenho em garantir a saúde pública e assegurar o abastecimento.

Cada qual procura o seu interesse e não lhe fica mal. Seria, pois, erro supor o marchante um tolo generoso e um santo n'este regimen do capitalismo. Donde resulta que a questão se reduz para ele, no fundo, a uma ambição, á eterna fome de dinheiro, moeda real da vida que faz perder a linha á muita gente boa e engravatada.

Entre o marchante e o consumidor estabelece-se a antiga luta da bala com a coiraca. Logo que se faz um contracto, aquelle procura sofismar-lhe a letra abalando a sua solidez, e de tais artes usa que não ha que resistir-lhe. Se no ano seguinte, como succede nos contractos anuais da provincia, se tenta dar-lhe a precisa resistencia, tendo o por bem redigido, imperfuravel, tenha-se a certeza de que o marchante sabe encontrar-lhe furo e arremessa-lhe tão certa bala que eva de vencida toda aquela problematica fortaleza.

Isto disse eu, de passagem, na *Revista de Medicina Veterinaria*, e mais coisas dizia em artigos que não foram publicados. Está-se a ver agora que tinha razão.

Os redactores do contracto das carnes verdes em Lisboa julgaram salvar-se do odioso açambarcamento refugiando-se nos braços paternais do monopólio. Safaram-se de um escolho para tombar n'outro. E' o que se chama sair de Caribi de para cair em Scila.

O que seja um monopólio e do que ele seja capaz, podiam muito bem calcular pelo que se passa com essas inumeras Companhias que ha em Lisboa, e principalmente dos manejos dos marchantes fariam optima ideia pela leitura va-

garosa e meditada do *Esboço historico* do livro *Matadouro Municipal*, escrito por aquelle grande espirito que se chamou Sabino de Sousa, pai.

Oh! os talhos municipaes eram bons! Tornaram-se maus pela sua pessima administração. Do que precisamos não é de fórmulas novas, mas de um profundo saneamento moral.

Depois de várias questionculas, levantadas a cada passo, o actual Deus das carnes em Lisboa deu agora em fulminar os lavradores portuguezes, discutindo o sentido da frase—*criador de gado*. E Paula Nogueira ainda cái em argumentar com ele julgando que o homem-sinho não sabe portuguez. Sabe, sim, sabe, mas o que lhe convem é fingir que não sabe.

E ainda agora a precissão vai na rua, disse eu em um outro artigo. E vai. Supondo que a questão pendente da auditoria administrativa seja resolvida a favor da camara, verão como á astucia presente seguirão outras e outras... um nunca acabar de contrariedades, sofismas e dificuldades. Oxalá que o arrendimento venha a tempo e sirva de lição para o futuro.

Em todo o caso, a picardia do arrematante logrou, quanto mais não seja, obrigar a camara a estabelecer um *modus vivendi*, com grave prejuizo da produção pecuaria do paiz.

Mas esta questão prende-se tanto com a lavoira do Algarve, que merece ser estudada séria e demoradamente. E' o que o *Heraldo* fará depois de no proximo número dar a sumula de um artigo de D. Luiz de Castro sobre os *Adubos quimicos*.

Faro.

LUDOVICO DE MENEZES.

**NOS ACTOS JUDICIAES**

A *Bibliotheca Popular de Legislação*, com séde na rua de S. Mamede, 107, ao largo do Caldas, Lisboa, acaba de editar o decreto de dezembro de 1903, referente ao pagamento de emolumentos, contribuição industrial, sello de recibos, etc., nos actos judiciaes.

Este folheto comprehende tambem os regulamentos das estampilhas fiscaes, e da cobrança dos emolumentos judiciaes e do Ministerio Publico, que constituem receita do Estado, e as portarias de 30 de dezembro de 1903 e 4 de janeiro de 1904, sobre aferições de pesos e medidas e exames para o cargo de aferidor. O seu custo é de 150 réis.

Alberto Bessa

**O JORNALISMO**

Esboço historico da sua origem até nossos dias, com artigo prefacio de Edmundo d'Amicis. Preço:

*Livraria Viuva Tavares Cardoso*, Largo de Camões, 5.—LISBOA.

scentelha, meu caro, a abelha de ouro que atravessa o cerebro do verdadeiro artista quando foi que o visitou? Nem uma vez só, bem o sabe. E t-davia é ella que dá o talento. Ah! eu conheço muitos que trabalham tambem, de modo bem diverso do senhor, com intelligencia, com toda a febre de saber e que nunca hão de chegar onde o amigo chegou: Vamos, concordemos n'uma coisa enquanto estamos sós: o talento do senhor Guillardin consiste todo em ter caído com uma mulher formosa...

—Senhor!... —fez Guillardin, tornando-se muito vermelho.

Mas a voz continuou, sem se perturbar:

—Ora ahi está! A sua indignação ainda me dá mais vontade de rir, porque me prova o que toda a gente sabe, de resto; que o amigo é mais bruto que velhaco. Vá, vá, deixe-se de estar a olhar para mim com olhos de quem come sete. No fim de contas, se o senhor me toca, se me faz uma ruga ou um rasgão, ser-lhe á impossivel ir á sessão solemne; e elle que a senhora Guillardin não havia de ficar muito contente com isso. Porque, emfim, é a ella que

cabe toda a gloria do dia de hoje. E' a ella que as cinco academias vão receber logo; e affianço lhe que se eu fosse ao Instituto aos homens d'ella, que é sempre elegante apesar da idade, teria outro successo que não tenho indo no meu corpo... Que diabo! amigo Guillardin, é preciso a gente vêr estas coisas! Você deve tudo a sua mulher, tudo, a sua casa, os seus quarenta mil francos de rendimento, as suas condecorações, e as suas medalhas.

E levantando a manga bordada, a casaca de palmas verdes apontava ao desgraçado escultor os quadros com diplomas collocados nas paredes do quarto. Depois, como se quizesse, para torturar bem a sua victima, tomar todos os aspectos, todas as attitudes, essa cruel casaca aproximou-se da chaminé, e inclinando-se para diante na cadeira, com ar confidencial, poz-se a fallar-lhe familiarmente, como a um camarada antigo.

—Ora diz-me cá, meu velho; parece que te incommoda o que te tenho dito? E' preciso, porém, que tu saibas o que todo o mundo sabe. E quem t'ó hade dizer, se

**REGISTO DE PUBLICAÇÕES**

*Revista de Infantaria*

Continua a sua regular publicação esta reputada publicação mensal autorizada pelo ministerio da guerra e onde collaboram os mais apreciados escriptores militares. Summario do ultimo numero: Gloria aos mortos, redacção; Concurso litterario, redacção; Bibliotheca no ministerio da guerra, S. F.; Os europeus no Ultramar, F. Azevedo; As manobras, redacção; Efficacia de artilheria sobre uma infantaria obrigada, redacção; A «Revista de Cavallaria», redacção; Escola Pratica de Infantaria; João Cesar Ferreira Gil; Secção do estrangeiro, redacção.

*A Gaça*

Está publicado o n.º 3 do sexto anno d'esta reputada publicação sportiva tão proficientemente dirigida pelos drs. Paulo Cancelli e Henrique Anachoreta. O presente numero é a confirmação completa do excellento credito que a todos merece a luxuosa revista, indispensavel a todos os caçadores de nome. Repleto de gravuras, sempre d'uma incomparavel nitidez, e de artigos escriptos pelos mais conhecidos escriptores da especialidade, a aquisição do presente numero constitue o melhor reclame que se possa fazer a essa acreditada publicação de assumptos venatorios e de sport.

*A Gazeta das Aldeias*

Recebemos o n.º 462 d'este importante semanario illustrado de propaganda agricola e vulgarização de conhecimentos uteis, que no Porto se publica sob a intelligente direcção de Julio Gama. Summario: Policia rural, pelo dr. Julio de Mello e Mattos; Agricultura (cultura do arroz) por M. Rodrigues de Moraes; Silvicultura (a resinagem americana), por Carlos de Sousa Pimentel; Arboricultura (classificação das variedades e sub-variedades das oliveiras portuguezas, de J. S. de Menezes Pimentel; Economia domestica (culinaria—crème de frade Bernardo) por D. Sophia de Sousa; consultas (importante e utilissima secção onde diversas autoridades profissionais respondem a todas as consultas dos assumptos da especialidade agricola); Secções e artigos diversos, folhetim, etc.

*O Occidente*

O n.º 930 do «Occidente» publica em sua primeira pagina um magnifico retrato do Conselheiro José Luciano de Castro, presidente do novo ministerio e dedica outra pagina aos retratos dos ministros, srs. Conselheiros Pereira de Miranda, José d'Alpoim, Eduardo Villaga, Eduardo José Coelho, Sebastião Telles, Moreira Junior e Espregueira. Publica tambem um bello retrato da novel actriz Bella Dyson Vaz; retratos do rei Frederico da Saxonia e da condessa de Montegnoso, esposa divorciada do rei Frederico; Os Cuanhama; Hero e Leandro; Necrologia, retratos da Princesa das Asturias, do rei Jorge da Saxonia e do Vice-almirante Duarte Pedroso.

Collaboraram n'este numero D. João da Camara com a sua bella Chronica Occidental Henrique Torres, Antonio A. O. Machado, Manoel de Macedo, etc.

*Almanack Illustrado*

Da acreditada «Parceria Antonio Maria Pereira recebemos o seu «Almanack Illustrado», interessante volume cheio de excellentes gravuras, de selecta collaboração e de todas as indicações e conhecimentos indispensaveis em publicações d'este genero. Entre outros collaboram n'este almanack os escriptores Antonio Bandeira, Bolivar Bastos, Arthur Netto, Sergio de Castro, Mario Monteiro, Augusto Forte Gallo, Gomes de Sousa, Almeida Campos, etc. Insete, alem de muitas outras gravuras, os retratos de Alfonso XIII (rei de Hespanha), conselheiro Rodrigo Pequito, Souza Martins, Alfonso Taveira, Celso Herminio, Fernando Maia, visconde de S. Luiz de Braga, commendador Antonio Santos, Souza Bastos, Jesuina Marques, Pereira Carrilho, actor Valle, dr. Xavier Cordeiro, commendador José Pacini, Olavo Bilac e Ernesto Portulez.

*Encyclopedias das Familias*

Foi já distribuido o n.º 214 d'esta reputada publicação mensal de conhecimentos uteis e interessantes. Summario: Historia dos Estados Uni-

dos da America, Poesias, Actualidades (os panamás, Homens notaveis (Alexandre Herculano), Sciencia popularizada (signaes do bom ou mau tempo — o assucar), Physiologia (o desenvolvimento das creanças — a calvicie), Variedades (a illuminação na Coréa — os omnibus — braço de armas), Vultos historicos (D. Miguel), Perguntas e respostas, Factos scientificos e industriaes (como se obtem a borracha), Viagens (notas marroquinas), Usos e costumes (os homens em leilão—o Thibet—as roupas femininas dos esquimmas—os bens matrimoniaes na Russia—selvagens austriacos—casamentos á meia noite), Mulheres celebres (duquesa de Berry), jardinagem (os musgos), Estabelecimentos scientificos (casa de saúde Portugal e Brasil); Mosaico; Litteratura postal (o correio atravez os seculos); Theatro domestico; Secção Recreativa; Aneodotas; Para as Creanças, etc., etc.

*O Passatempo*

Publicou-se o n.º 96 d'este semanario illustrado da capital, que de numero para numero mullhora muito sensivelmente. Summario: Portugal no estrangeiro (estatueta de Vasco da Gama em Hamburgo); Chronica, de Antonio de Campos Junior; Romance truncado, de Henrique Lopes de Mendonça; Figuras Antigas, A casa portugueza; Phrases e Opiniões (palavras de Alfonso d'Albuquerque e de Phébus Monia, pequenos trechos de Guingret, Breton, Schlegel, Naylies, Montesquieu, Bentrow, Haupt e Engels), dr. Gonçalves de Freitas; Agua Morta, folhetim de Antonio de Campos Junior.

*Dosemetria*

Foi já distribuido o n.º 11, respeitante a novembro, d'esta revista mensal de medicina dosi-

metrica, baseada na physiologia e experimentação clinica e dirigida por Bernardo Birra. Summario: Em nome da Hygiene e da Saúde Publica, por Ferreira Vaz; Notas clinicas para a divulgação da therapeutica dosimetrica; Dois casos clinicos, por José R. de Carvalho; Os empregos do Sulphydral, pelo dr. Berchon; Algumas notas sobre a cura racional dos albuminuricos, pelo dr. E. Moniu.

Recebemos os seguintes livros de que nos occuparemos brevemente:

*Gaminho do Amor*, versos de João de Barros.

*Aldeia em F-sta*, comedia-drama em 1 acto, de Mario Monteiro.

*A Adolescencia*, romance de Leão Tolstoi, traducção de Joaquim Leitão.

*Entre um Berço e um Tumulo*, livro de prosas e versos de Marcos Algarve.

*Os Amigos das Creanças*, de Guilherme José Ennes.

**CURSO PRATICO DE COMMERCIO**

Contabilidade, escripturação, francez e inglez.

Avenida D. Amelia, 116

FARO



## PHOTOGRAPHO

SILVA NOGUEIRA

Estará n'esta cidade nos dias **26, 27 e 28**, unicos em que realizará as suas operações photographicas no antigo

**QUARTEL DA GRAÇA**

desde as 10 horas da manhã ás 2 da tarde.

Se chover, em qualquer d'estes dias, ás horas annunciadas, demorar-se ha mais um dia.

Alem dos preços já conhecidos que são:

<b>CARTÃO VISITA</b>	
6 Retratos em papel albuminado	1\$800
12 " " " "	3\$000
<hr/>	
6 Retratos em papel platina	2\$500
12 " " " "	4\$000

tirá outros em papel brilhante por:

Meia duzia.....	1\$500 réis
Uma ".....	2\$500 "

O annunciante, vendo que lhe é impossivel voltar a Tavira tão cedo, lembra aos seus ex.ºs clientes que aproveitem esta boa occasião.

Sendo esta cidade a primeira das 3 terras da provincia onde, d'esta vez, tenciona operar, os trabalhos confiados demorarão entre 15 a 20 dias pagos adiantadamente como sempre.

No estabelecimento de José Maria dos Santos, se poderão informar sobre o ultimo dia da sua estada em Tavira, porque o mau tempo póde alterar a presente resolução.

Attenta a sua curta demora, julga dispensavel fazer exposição de photographias.

**QUARTEL DA GRAÇA**  
(Entrada pela porta principal)

não fôr eu? Vamos; pensemos um pouco. Que tinhas tu quando te casaste? Nada. Que foi que tua mulher te trouxe? Zero. Então, como explicas a fortuna que tens? Vais dizer-me outra vez que tens trabalhado muito. Mas, desgraçado, trabalhando dia e noite, com favores, com as encomendas do governo, que não te faltaram depois do teu casamento, tu não chegaste a ganhar nunca mais de quinze mil francos por anno. E pensas que isso chegava para sustentar a tua casa? Lembra-te que a senhora Guillardin foi sempre conhecida como uma mulher elegante, que apparece em toda a parte onde se gasta dinheiro. Por Deus! Eu bem sei que, em cerrado todo o dia no teu atelier, nunca pensaste n'estas coisas. Contentavas-te com dizer aos teus amigos que tua mulher, com o que tu ganhavas, ainda fazia as suas economias.

A verdade é que casaste com um d'esses monstros de formosura que se encontram em Paris. uma d'essas mulheres ambiciosas e galantes que sabem governar ao mesmo tempo a sua casa e satisfazer os seus prazeres: A tua pen-

sou comsigo: «Meu marido não tem talento, nem fortuna, mas é um excellento homem, condescendente, credulo, e o menos importuno possivel. Que elle me deixe gosar tranquilamente, que eu me encarregarei de lhe dar tudo o que lhe faltar. E a partir d'esse dia, o dinheiro, e as encomendas começaram a chover no seu atelier. Depois, uma bella manhã, a senhora Guillardin acareou a ideia de ser a mulher d'um academico, e foi a sua mão calçada em fina luva que te abriu uma a uma as portas do santuario... Pois que! meu velho o que te custou o direito de usares esta casaca de palmas verdes só os teus collegas o podem dizer...

—Mentes, mentes!... gritou Guillardin, estrangulado de indignação.

—Eh! meu amigo! não minto, não... E para te convenceres d'isto, não tens mais que olhar bem á roda de ti, quando entrares no Instituto. Verás a malicia no fundo de todos os olhos, e sorrisos em todos os labios, enquanto que á tua passagem se ha de cochichar. «E' este o marido da formosa senhora Guillardin!» Porque

tu nunca serás na tua vida senão o marido d'uma mulher bonita...

D'esta vez Guillardin não teve mão em si. Furioso, levantou-se, e ia lançar as mãos á insolente casaca de palmas verdes para a lançar ao fogo, quando a porta do quarto se abriu e uma voz conhecida, o veiu despertar do seu sonho horrivel:

—Ah! Então o senhor deixa-se adormecer ao fogão, n'um dia d'estes!...

Estava deante d'elle a senhora Guillardin, formosa ainda, apesar de ter o rosto e os olhos exageradamente pintados. Ella mesma pegou na casaca de palmas verdes, e com um sorriso ao canto da bocca, ajudou o marido a vesti-la, enquanto que o pobre homem, ainda alagado em suor por causa do pesadelo que tivera, respirava aliviado, pensando de si para comsigo:

—Que felicidade! Era um sonho!...

ALPHONSE DAUDET.

**Declaração d'um pae**

A essência de todos os milhares de cartas que recebemos dos paes que tem dado a Emulsão de Scott a seus filhos, é que a Emulsão de Scott cumpre a sua missão e nunca illude. Se se querem poupar a afflicções e aos seus filhos o soffrimento e incommodos durante o periodo da dentição, devem dar-lhes a Emulsão de Scott e podem ficar certos que ella produzirá o effeito desejado, como descripto na carta seguinte:



JULIO DE SOUSA TORRÃO

4, RUA DA CALÇADA DA SERRA, GAYA, Maio de 1902.

Illmos. Snres. O meu filho Julio, de 18 mezes de idade, era tão debilitado sujeito a doenças desgastadoras, como: bronchite, coqueluche, etc., que, especialmente na dentição, pensei perdê-lo. Tendo lido que crianças e adultos tinham sido curados com a Emulsão de Scott, decidi dar-lha, e ao tempo que tinha tomado o segundo frasco tinha já todos os dentes sem incommodo e todos os vestígios das doenças de que tinha soffrido haviam desaparecido. Actualmente está forte e sadio, e por esse motivo é que eu apregoei em toda a parte as virtudes d'este remedio.

(a) ANTONIO DE SOUSA TORRÃO

A Emulsão de Scott tem tres elementos de que as crianças precisam: — sadio oleo de fígado de bacalhau e Hypophosphitos de cal e soda—os tres grandes geradores do sangue, ossos e carne. Ninguém sabe nem pode apreciar o resultado da Emulsão de Scott sem que primeiro a tenha experimentado. A alegria das crianças ao verem o frasco da Emulsão de Scott, depressa convence do quanto as crianças gostam d'ella e em pouco tempo é-se surpreendido ao notar as alterações feitas em todo o seu organismo. As crianças gosam o somno tranquillo durante a noite, comem com appetite, engordam como devem engordar as crianças, pulam, comem e riem durante todo o dia, para mostrar o seu bem estar e contentamento. Não gostariam todos de ver n'esse estado os seus queridos filhos? Pois bem; deem-lhes regularmente a Emulsão de Scott e fiquem certos que é seguro o effeito desejado.

Se se desejar uma cura, vá-se ter com um pharmaceutico, que vender a genuina Emulsão de Scott quando se a pedir. Elle, naturalmente, só garante a genuina Emulsão de Scott, que sempre traz a nossa marca de fabrica gravada n'um rotulo—conforme a illustração—de um homem levando sobre o hombro um grande peixe.



Marca registada

**LEGISLAÇÃO ECCLESIASTICA**

SUMMARY: — Arbitramento das congruas (leis de 20 de julho de 1839 e 8 de novembro de 1841). — Concursos para provimento de benefi-cios ecclesiasticos. — Aposentação do clero parochial. — Regulamento do registo parochial (annotado). — Concursos para Capellães militares, etc., etc. O seu custo é de 200 réis.

Pedidos à «Bibliotheca Popular de Legislação, rua dos Fauqueiros, 177—Lisboa.

**REVISTA AGRONOMICA**

Publicação da Sociedade de Sciencias Agronomicas de Portugal. Assinatura por anno: 35000 réis, travessa dos Remolares, 130, °—Lisboa.

**LIVROS D'INSTRUÇÃO**

Na livraria de João d'Araujo Moraes, Lisboa, Rua da Assumpção, 49 e 50, vendem-se os livros officialmente approvados para instrução primaria e curso dos lyceus.

Alli se encontra a grammatica franceza de José Miguel dos Santos e Manoel de Conversação, do mesmo autor, livros que nos cursos commerciaes de diversos collegios tem obtido magnificos resultados.

**EDITAL**

Luiz Augusto Victor Xavier da Silva. Administrador interino do concelho de Tavira, em exercicio, por Sua Magestade Fidelissima, Que Deus Guarde.

Faço saber que, em cumprimento do Alvará de S. Ex.ª o sr. Governador Civil d'este districto, de 15 do corrente, e segundo o que determina o artigo 203.º do Codigo Administrativo, é fixado o dia 27 d'este mez para se proceder á eleição das juntas de parochia d'este concelho, devendo observar-se nos trabalhos preparatorios d'esta eleição e nas operações eleitoraes as disposições do artigo 207.º e seguintes do dito Codigo, e em tudo que ali for omissão as applicaveis pela lei eleitoral de 8 d'agosto de 1901; pelo que são convocados os eleitores de cada uma das freguezias d'este concelho para se reunirem no referido dia 27 do corrente, pelas 9 horas da manhã, nas respectivas Igrejas parochiaes, para, d'harmónia com o disposto no art.º 159.º do citado Codigo elegerem 4 vogaes effectivos e 4 substitutos, que, com o respectivo parochio devem constituir a junta de parochia, e hão de servir durante o triennio de 1905 1907, a contar do dia 2 de janeiro proximo futuro.

E para execução do artigo 206.º do mesmo Codigo se passou o presente e outros d'egual theor, que serão affixados, publicados e lidos, conforme prescreve o mesmo artigo. Tavira, 17 de novembro de 1904. E eu, Alvaro Mendes Torres, secretario d'esta administração, o escrevi. Luiz Augusto Victor Xavier da Silva. 168

**Grandes Armazens de Novidades AU PRINTEMPS PARIS**

O catalogo e as amostras dos tecidos de novidades para a estação de verão são enviados franco de porte a quem o pedir em cartas devidamente franqueadas.

As encomendas e os pedidos de amostras podem ser dirigidos ao agente reexpedidor d'esta casa

A. VINCENT

19. LARGO DE CAMÕES—ROCIO—LISBOA

**FAZENDAS PARA FATO**

**F. A. GOMES**

20—RUA NOVA GRANDE—20 TAVIRA

GRANDE sortimento de fazendas para todas as estações, bonitos cortes de calças e colletes de phantasia, gabões d'Aveiro e capas.

PREÇOS BARATISSIMOS

HERCULANO DE CARVALHO medico pela Universidade de Coimbra, especialista em doenças da bocca e dentes. Da consultas da sua especialidade, em Tavira, Largo d'Alagoa, casa do sr. Antonio da Conceição Chaves. (166)

Vende-se uma morada de casas altas. Largo da Lagoa, n.ºs 5 e 6, em Tavira.

VENDE-SE uma armação e balcão, pesos e medidas e balança, tudo em boas condições. Quem pretender dirija-se ao seu proprietario José do Sacramento Costa, Largo das Portas da Afecção. (157)

Vende-se uma propriedade no sitio d'Asseca, com horta e sequeiro e consta de casas de moradia, ramada e palheiro, alfarrobeiras, amendoeira, oliveiras, vinha e outras arvores de fructo. Trata-se com Abilio dos Santos Bandeira, Tavira. 467

Vende-se. Uma morada de casas altas na praça da Lagoa em Tavira, com os numeros 29 e 30 de policia. Quem pretender dirija-se a D. Henriqueta Rita Guerreiro, em Olhão. (134)

**HOTEL CONTINENTAL**

(O HOTEL DOS ALGARVIOS)

O mais central e um dos melhores e mais baratos hoteis de Lisboa. Frente para o Rocio. Serviço de meza excellente.

**GUIA PRATICO**

DE ESCRITURAÇÃO E CONTABILIDADE Commercial, bancaria, agricola e fabril

Pelo professor e perito commercial

Joaquim H. da Silveira Passos

Diplomado pela Escola do Commercio de Lisboa. ESTA em publicação semanal, em fasciculos, esta importante e util obra, destinada a habilitar, sem auxilio d'outros estudos e sem mestre, a organizar, seguir ou balançar a escripturação de qualquer casa commercial, bancaria, agricola ou industrial, a exercer habilmente qualquer logar de carteira e a concorrer com a precisa habilitação aos concursos de bancos e repartições publicas.

O guia pratico ensina a resolver cerca de mil problemas varios sobre escripturação e contabilidade e é dividido em dois volumes.

1.º volume — Calculo

Comprehende o ensino pratico das perações sobre: Numeros inteiros, decimales, quebrados, complexos, elevação a potencias, extracção de raizes, divisibilidade, systema metrico, regras de tres simples e compostas, regra da conjuncta, regras de companhia, de liga, de avarias, percentagens, juros, descontos, praso medio, juros reciprocos ou juros de contas correntes pelos metodos directo, indirecto e hamburguez cambios, juros compostos, annuidades, fundos publicos, papeis de credito e arbitragens.

2.º volume — Escripuração

Comprehende cinco modelos completos com todos os livros principaes e auxiliares, sendo todos os problemas acompanhados das mais claras e precisas explicações: 1.º modelo uma escripta pelo systema de partidas singelas; 2.º Uma escripta d'uma casa commercial, contendo oito mezes de operações diversas pelo systema de partidas dobradas, com tres balanços; 3.º Uma escripta d'uma casa de commissões e consignações; 4.º Uma escripta d'uma industria explorada por uma sociedade anonyma; 5.º Uma escripta agricola.

Preço de cada fasciculo em Lisboa e na provincia 100 réis. As assignaturas pode ser feitas por bilhete postal dirigido á empreza da publicação d'esta obra a Affonso d'Oliveira, rua do Arsenal, 108, 1.º, ou em Tavira, nos armazens de moveis de Justino A. Ferreira, rua Nova Grande, 25 a 53. (138)



BAGA de sabugueiro para dar cor ao vinho, importada directamente da Regoa, nova colheita, 1.ª qualidade, vende

JUSTINO A. FERREIRA

128 TAVIRA

**Officina de canteiro e esculptura**

DE JOSÉ MARIA PAULINO FERNANDES

Encarrega-se de todo o trabalho pertencente á sua industria;

jazigos, campas, ornamentos, espelhos, banheiras, bandadas, marmores para moveis, etc.

LARGO DO CARMO

(5872) Faro

**CAMBISTA TESTA**

Cambios, Fundos publicos, Papeis de credito e Loterias

GRANDE LOTERIA DO NATAL EXTRACÇÃO A 22 DE DEZEMBRO

1 de . . . . .	150:000\$000
1 de . . . . .	20:000\$000
1 de . . . . .	10:000\$000
1 de . . . . .	4:000\$000
1 de . . . . .	2:000\$000
2 de . . . . .	1:000\$000
10 de . . . . .	400\$000
10 de . . . . .	3 05000
80 de . . . . .	200\$000
538 de . . . . .	100\$000

2 approximações ao premio maior a 750\$000 réis.

2 ditos ao segundo dito a 420\$000 réis.

2 ditos ao terceiro dito a 300\$000 réis.

9 ditos á desena do premio maior a 150\$000 réis.

9 ditos á desena do segundo dito a 150\$000 réis.

9 ditos á desena do terceiro dito a 140\$000 réis.

71 premios a todos os numeros que terminarem na mesma unidade e desena do premio a 140\$000 réis.

Bilhetes, meios, quartos, quintos, decimos e vigesimos.

Fracções de 2\$100, 1\$600, 1\$050, 540, 330, 220, 140 e 60 réis. Desenas: 10 numercos seguidos em fracções de 11\$000, 5\$000, 3\$300, 2\$300, 1\$100 e 600 réis.

Para a provincia e Ultramar accresce o porte do correio Descontos para revendedores

ESTA CASA compra e vende aos melhores preços do mercado e ás melhores cotações do dia: Papeis de credito, acções e obrigações de Bancos e Companhia e todos os papeis negociaveis em Bolsa.

Fundos publicos: Inscriptões de assentamento e de coupon, obrigações de assentamento e coupon internas, obrigações de 1.ª, 2.ª e 3.ª série externas.

Cambio: Libras, ou portuguez, notas a moedas estrangeiras.

Cheques ou letras á vista ou a 90 dias sobre qualquer praça estrangeira.

Dirigir ao cambista: JOSÉ RODRIGUES TESTA—74, Rua do Arsenal, 78 e 138, Rua dos Capellistas, 140—LISBOA. (109)

**PINHEIRO & FILHO**

Commissões e consignações Corretores de vinhos desde 1875

63, Rua do Miradouro PORTO

Encarrega-se da venda, por amostras ou á consignação, de qualquer quantidade e qualidade de vinho ou aguardente. 143

Vende-se. Uma casa terrea na rua da Porta Nova, com sala, tres quartos, um corredor, casa de jantar, cosinha, sobrado, varanda, quintal, palheiro e cavallariça. Quem pretender dirija-se a Manuel Joaquim de Sant'Anna, morador na mesma. (153)

Ajudante de pharmacia. Precisa-se com 3 annos de pratica e não menos de 15 de idade, na pharmacia Reis, Portimão. 147

Bicyclette-Simplex.—Vende-se uma com pouco uso. Quem pretender dirija-se a Carlos de Mendonça, Fabrica de Tecidos—Faro. 148

Horta. Arrenda-se a horta das Freiras, na Atalaya. Quem pretender dirija-se a Maria Candida Baptista, Rua do Rego.—Tavira. (144)

Propriedade rustica. Vende-se uma propriedade no sitio do Alvisquer, freguezia da Conceição de Tavira, constando de sequeiro e regadio com todo arvoredo e vinha, casa de moradia, armazens para adega, ou seleiro, ramada, palheiro e forno. Quem pretender dirija-se ao sr. Antonio da Costa Ascenção, em Faro. 149

Casas.—Vendem-se tres moradas de casas; duas com frente para a rua do Sapal, e uma mais pequena com frente para a travessa D-Anna. Tem bom quintal, dois poços d'agua doce e porta de sahida para a rua da Caridade. São propriedade de Antonio Pedro Galvão. Trata-se com seu filho Miguel Antonio Galvão, residente em Faro. 152

Venda de propriedade. Vende-se uma no sitio de Mont'Agudo, freguezia de Santo Estevão; contendo casa de habitação, oliveiras, alfarrobeiras, amendoeiras, vinha, etc.

Trata-se em Tavira com José Henrique da Cruz, tenente coronel reformado. (133)

Casa. Vende-se uma casa com os compartimentos: sala, casa de jantar, tres quartos, corredor, cosinha dispensa, duas varandas, dois armazens, quintal e poço d'agua doce. Quem pretender dirija-se a José das Dores Frangolho, Largo de S. Sebastião, Atalaya—Tavira. (126)

Lezírias do Guadi-na. Vende-se uma decima sexta parte d'estas lezírias. Quem pretender dirija-se a Matheus Teixeira d'Azevedo, largo da Graça, 82, 1.º—Lisboa.

Acções. Vendem-se quatro acções da armação de Bias. N'esta typographia se diz.

Vende-se uma barca para serviço de rio e costa, de um só mastro, 2 vergas, 2 velas, 2 encerados, bote, amarras, 4 fateixas e mais pertences. Trata-se com Francisco Raymundo—Tavira. 146

Casa. Vende-se uma casa alta com frentes para a rua da Borda d'Agua d'Asseca e rua d'Asseca, oito compartimentos no 1.º andar e dois no 2.º, dois baixos, dois terraços, quintal com poço d'agua e cavallariça. Quem pretender deve dirigir-se a Manuel das Dores, morador no mesmo predio. Tavira. (123)

Vende-se. Uma sacada de ferro para janella. A. X. Trindade.—Tavira.

Vende-se uma propriedade no sitio do Fojo, com terras de semear, amendoeiras, alfarrobeiras, figueiras e vinha. Quem pretender dirija-se a Anna Aragão Pereira, rua dos Ciganos, 17—Tavira. (141)

Casas Vende-se uma terrea, na rua de S. Lazaro n.º 65 de policia, consta de 7 compartimentos e quintal, com porta para a travessa das Figueiras, poço, cabana e palheiro. Trata-se com José Gomes Corsino.

Propriedade. Continua a arrendar-se uma propriedade rustica no sitio do Poço dos Alamos contendo todo o arvoredo de sequeiro. Trata-se com A. X. Trindade, em Tavira.

Arrenda-se. Uma propriedade no sitio do Alvisquer, freguezia da Conceição, com terras de semiar, alfarrobeiras, oliveiras, figueiras e vinha quem pretender dirija-se a sua dona Maria do Rosario Fonseca, alto de S. Braz. — Tavira. (136)

Carro. Vende-se um de quatro rodas com cabeça de couro da Russia, em bom estado e muito leve, proprio para um só animal. Trata-se com Joaquim de Mello Trindade.—Tavira. (154)